



A militarização nuclear da Alemanha Sim ou não?

José Manuel Maia
Docente da UP do IUM
EuroDefense-Portugal/Network

A militarização nuclear da Alemanha é um tema sensível que envolve considerações estratégicas, políticas e éticas. Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha tem mantido uma postura de não proliferação nuclear, confiando na proteção oferecida pela NATO e pelos Estados Unidos. No entanto, a crescente instabilidade geopolítica, impulsionada pela guerra na Ucrânia e pela ameaça nuclear russa, reacendeu o debate sobre a necessidade de o país desenvolver ou adquirir armas nucleares.

Há 80 anos, a Alemanha estava desmilitarizada e sujeita a um rígido controlo internacional. Com a criação da República Federal da Alemanha (RFA) em 1949 e a sua adesão à NATO em 1955, o país reintegrou-se gradualmente no cenário global. Na década de 1960, a RFA assinou o Tratado de Não Proliferação Nuclear (TNP), comprometendo-se a não desenvolver armas nucleares. Em troca, beneficiou da proteção nuclear dos EUA no âmbito da NATO, garantindo a sua segurança sem necessidade de possuir um arsenal próprio.

Atualmente, a Alemanha participa no programa de partilha nuclear da NATO, que permite o armazenamento de armas nucleares americanas em solo alemão. Em caso de conflito, estas poderiam ser utilizadas pela Força Aérea Alemã, com autorização dos EUA. Embora este mecanismo tenha servido como fator de dissuasão eficaz, não concede à Alemanha o controlo independente sobre armas nucleares. Contudo, face à crescente agressividade da Rússia e à incerteza quanto ao compromisso dos EUA com a defesa europeia, é inegável que uma capacidade nuclear própria daria à Alemanha maior autonomia para garantir a sua segurança.

Bem sabemos que a Europa continua altamente dependente dos EUA para a sua defesa. Porém, uma eventual capacidade nuclear alemã reforçaria a autonomia estratégica da União Europeia, tornando-a menos vulnerável a mudanças na política externa americana. Sendo a maior potência econômica da Europa, a Alemanha desempenha um papel central na defesa do continente. Com a França já na posse de um arsenal nuclear, um programa nuclear alemão poderia criar um sistema de dissuasão mais robusto para a União Europeia.

No entanto, a posse de armas nucleares violaria o TNP e poderia desencadear uma crise diplomática. A Alemanha tem historicamente defendido o desarmamento nuclear global e uma mudança de posição poderia comprometer a sua credibilidade internacional. Caso adquirisse armas nucleares, outros países europeus poderiam sentir-se pressionados a seguir o mesmo caminho, aumentando o risco de proliferação nuclear e desencadeando uma nova corrida armamentista.

Além disso, o desenvolvimento de um programa nuclear exigiria investimentos massivos em tecnologia, infraestruturas e manutenção, desviando recursos de outras áreas críticas da defesa e segurança. A população alemã, tradicionalmente pacifista, opõe-se majoritariamente à posse de armas nucleares. Acrescem ainda as profundas questões éticas associadas ao potencial uso dessas armas e as consequências devastadoras para a humanidade.

Provavelmente, na tentativa de travar este assunto, a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, anunciou o plano “ReArm Europe”, que visa mobilizar até 800 mil milhões de euros para reforçar a capacidade de defesa europeia. Este plano inclui medidas como a suspensão temporária das regras fiscais para permitir que os Estados-membros aumentem os gastos com defesa e a possibilidade de obtenção de 150 mil milhões de euros em empréstimos para projetos conjuntos na área da defesa. Este esforço busca reduzir a dependência europeia de aliados externos e fortalecer a autonomia estratégica da União Europeia em matéria de defesa.

Em suma, o tema da militarização nuclear da Alemanha é, sem dúvida, complexo e sensível, envolvendo não apenas fatores de segurança, mas também considerações políticas e históricas. Embora a posse de armas nucleares pudesse reforçar a autonomia estratégica, os riscos diplomáticos, financeiros e éticos tornam essa opção altamente controversa. A Alemanha tem sido um pilar de estabilidade na Europa e no mundo, e qualquer mudança nesse equilíbrio exigiria um debate aprofundado. O desafio para o futuro será encontrar um caminho que garanta a segurança do país sem comprometer os seus princípios e compromissos internacionais. O plano “ReArm Europe”, da União Europeia, sinaliza bem essa tentativa, pois visa reforçar a capacidade de defesa sem necessariamente recorrer à proliferação nuclear.

Será que este tipo de investimento em defesa convencional será suficiente para garantir a segurança europeia, ou a questão nuclear continuará a ser um debate inevitável no futuro?